

## Línguas Tupí em Rondônia e na Bolívia Oriental

### Tupí Languages in Rondônia and Easter Bolivia

Aryon Dall'Igna Rodrigues

Laboratório de Línguas Indígenas, Universidade de Brasília

Esse artigo foi originalmente publicado em Leo Wetzels. (Org.). *Language endangerment and endangered languages: linguistic and anthropological studies with special emphasis on the languages and cultures of the Andean-Amazonian border area.* Ied. Leiden: CNWS Publications, 2007, v. 1, p. 355-363.

Tradução por Jéssica Gomes de Gusmão da Silva.

Diferentemente da maioria dos rios da América do Sul, o Rio Guaporé não é o eixo de uma área de cultura homogênea; é uma fronteira, não um elo. (Claude Lévi-Strauss, “Tribos da margem direita do Rio Guaporé”, *HSAI* 3:371, 1948)<sup>1</sup>

O Rio Guaporé é uma parte da fronteira internacional entre Bolívia e Brasil no sul do estado brasileiro de Rondônia. Ele flui para o oeste rumo ao Mamoré, que é um tributário do Madeira. Línguas do tronco linguístico Tupí são encontradas ao norte e ao sul do Guaporé. No lado norte do estado brasileiro de Rondônia, são encontrados membros de seis ramos ou famílias deste tronco, a saber, Tuparí, Mondé, Ramaráma, Puruborá, Arikém e Tupí-Guaraní, enquanto no lado sul, na Bolívia, as línguas Tupí pertencem todas à família Tupí-Guaraní. Devido ao número e diversidade de famílias entre o Guaporé, o alto Madeira e o alto Aripuanã, admitiu-se que em algum lugar nessa região teria sido o centro de dispersão do tronco Tupí (Rodrigues 1958, Urban 1992). Ainda que à primeira vista possa parecer que a presença de línguas Tupí-Guaraní ao sul do Guaporé deva-se à migração a partir desse centro de dispersão, a evidência advinda do estudo histórico-comparativo das línguas Tupí e, mais particularmente, das Tupí-Guaraní, indicam uma situação mais complexa. Línguas Tupí-Guaraní bolivianas, como as dos Guarayo, Pauserna, Sirionó e Yúki, devem ter chegado à Bolívia oriental depois de uma longa migração a partir da bacia amazônica, através do Brasil Central, até a bacia La Plata, e de volta para a bacia amazônica.

---

<sup>1</sup> N.T.: “Unlike most South American rivers, the Guaporé River is not the axis of a homogeneous culture area; it is a frontier rather than a link”. (Claude Lévi-Strauss, “Tribes of the right bank of the Guaporé River”, *HSAI* 3:371, 1948)

A seguir, serão apresentadas tanto evidências linguísticas como históricas para basear essa visão.

## **Os ramos do tronco Tupí e sua distribuição atual**

Tronco linguístico Tupí é o nome que dei em 1956 a um grupo de famílias linguísticas incluindo o Tupí-Guaraní e outras famílias menores e menos conhecidas, cujas relações umas com as outras e, particularmente com o Tupí-Guaraní, não foram bem compreendidas ao longo da primeira metade do século XX. Não foi feita distinção entre “Tupí-Guaraní” e “Tupí” (Rivet, 1924:687, Schmidt 1926, Rivet & Loukotka, 1952; Nimuendajú, 1987 [1945]). Com vistas a um melhor conhecimento das línguas da família Tupí-Guaraní, alguns estudiosos sustentaram a visão de que as outras línguas eram línguas Tupí “impuras” (Martius, 1867) ou línguas “mistas” (Loukotka, 1939:164; 1942:31, 1950:7, 26). Em minha contribuição ao Congresso Internacional de Americanistas em São Paulo (Rodrigues, 1955), argumentei que, em vez de línguas impuras ou mistas, tratava-se de línguas aparentadas em diferentes níveis de parentesco genético e, no Congresso Internacional de Americanistas seguinte em Copenhague, em 1956, propus o tronco linguístico Tupí como uma grande unidade genética com maior profundidade temporal, envolvendo seis outras famílias além da Tupí-Guaraní – Arikém, Jurúna, Mondé, Puruborá, Ramaráma e Tuparí (Rodrigues, 1958a). Naquele primeiro momento, com base principalmente em estatísticas lexicais de palavras cognatas, incluí as línguas Awetí, Mawé e Mundurukú (assim como Kuruáya, que é um dialeto dessa última) na família Tupí-Guaraní. Posteriormente, levando em consideração os dados gramaticais que começaram a se tornar disponíveis, separei-as em três outras famílias, por terem quebrado a notória hegemonia da maioria das línguas Tupí-Guaraní e criado problemas especiais para a reconstrução do Proto-Tupí-Guaraní. A primeira a ser separada foi o Mundurukú (Rodrigues, 1967, 1974), posteriormente o Awetí e o Mawé (Rodrigues, 1985). Como consequência, o tronco Tupí foi reconhecido como um grupo genético abrangendo dez ramos linguísticos ou famílias (Rodrigues, 1996:41-46, Kaufman, 1994:71, Rodrigues, 1999) (veja Quadro 1). Na última classificação de Loukotka, publicada postumamente em 1968, todo o grupo Tupí foi também apresentado como um tronco linguístico dividido em 19 grupos, dos quais 11 são subdivisões de minha família Tupí-Guaraní e 8 correspondem de forma geral a minhas outras famílias (Loukotka 1968:103-124).

O tronco linguístico Tupí possui uma distribuição geográfica peculiar. Cinco desses ramos foram encontrados apenas na região de Rondônia, ainda que fora da fronteira oriental oficial do estado – Arikém, Mondé, Puruborá, Ramaráma e Tuparí. A maior concentração dessas pequenas famílias está próxima a cursos superiores dos tributários dos rios Guaporé e Aripuanã, aproximadamente entre 59° e 63° a oeste e entre 9° e 13° ao sul. Apenas a família Arikém está fora

desse quadrilátero, a noroeste, entre 64° e 65° a oeste na latitude de 10° S, mais especificamente entre os afluentes Jamaxi e Jaciparaná do Rio Madeira. Contrastando com essas cinco famílias, os outros membros do tronco Tupí estão distribuídos ao leste: Mundurukú no baixo Madeira e ao longo do Tapajós, Mawé entre o baixo Madeira e o baixo Tapajós, Jurúna no baixo e médio Xingu, e Awetí no alto Xingu, enquanto a família Tupí-Guaraní está extraordinariamente expandida, com algumas línguas dentro do quadrilátero entre o Guaporé e o Aripuanã, mas a maioria delas dispersas ao leste e ao sul. Línguas dessa família são encontradas em toda a Amazônia oriental, do Rio Madeira, através do Tapajós e do Xingu, até o Tocantins, e estendem-se, a partir desse rio, para o leste até o Gurupi e o Pindaré, no estado do Maranhão. Outras línguas Tupí-Guaraní estão localizadas na Bolívia oriental e, fora da Amazônia, na bacia do Rio La Plata até a Argentina, tendo estado anteriormente também na costa brasileira.

### **Os sub-ramos do Tupí-Guaraní**

A família Tupí-Guaraní inclui mais de trinta línguas classificadas em oito sub-ramos, de acordo, sobretudo, com critérios fonológicos. Esses sub-ramos são apresentados no Quadro 2. A distribuição dos oito sub-ramos certamente indica vários movimentos migratórios na pré-história dos povos Tupí-Guaraní. Se considerarmos que o Proto-Tupí-Guaraní, a língua pré-histórica da qual a família por fim deriva, tenha necessariamente sido, por sua vez, uma separação do Proto-Tupí, devemos olhar para o ponto inicial de suas migrações e sua própria separação em uma região na Amazônia ocidental, próxima ao centro de dispersão dos outros ramos Tupí. Esse raciocínio elimina a possibilidade de uma origem sulista do Tupí-Guaraní, como admitido anteriormente por estudiosos como Martius, Paul Rivet e outros, e implica em uma origem amazônica para as línguas Tupí-Guaraní da bacia La Plata, como o Guaraní, e do Brasil oriental, como o Tupínambá. Esse é o mesmo raciocínio apresentado por Alfred Métraux, com base em um estudo comparativo de distribuição de elementos da cultura material da maioria dos povos Tupí-Guaraní. Esse distinto antropólogo chegou à conclusão de que o mais provável centro de dispersão do Tupí-Guaraní deva ter sido o alto curso do Rio Tapajós (Métraux 1928:310, 312). Čestmír Loukotka foi o primeiro linguista a defender tal centro de dispersão amazônico para todas as migrações sugeridas pela distribuição geográfica da família linguística Tupí-Guaraní, ainda que ele não tenha levado em consideração os outros ramos Tupí. Loukotka propôs que o centro de dispersão teria sido entre o Juruena e seu afluente Arinos (Loukotka 1950:7). Ele elaborou diversas migrações a partir deste centro para diferentes direções, duas delas para o sul: uma primeira do Guaraní e falantes de línguas muito aparentadas, e uma segunda atribuída não apenas ao Tupí da costa Atlântica, mas também a um grande número de línguas

de povos vivendo na Amazônia oriental.

Uma hipótese diferente foi concebida pelo arqueólogo Donald W. Lathrap, que postulou “o lar da comunidade de fala Proto-Tupí-Guaraní na margem sul do Amazonas ligeiramente abaixo da foz do Rio Madeira” (Lathrap 1970:78)<sup>2</sup>. Baseado em minha primeira proposta para o tronco Tupí (Rodrigues 1958a, b), Lathrap viu alguns grupos subindo “o Madeira e seus dois tributários orientais, o Aripuana e o [Ji]Paraná, vindo, por fim, a pousar em pequenos bolsões de terra aluvial no sopé da Serra dos Parecis, e contabilizando cinco das seis famílias divergentes do tronco” (Lathrap 1970:79). A outra parte da hipótese de Lathrap, que se refere particularmente à família Tupí-Guaraní, é que outros grupos ter-se-iam mudado para “rio abaixo, ao longo da margem sul do Amazonas”, por isso “imediatamente antes de sua dispersão, a proto-língua do Tupí-Guaraní propriamente dita estava localizada próximo à foz do Amazonas”. Essa hipótese foi posteriormente trabalhada por José Proença Brochado, aluno de Lathrap, que tentou demonstrar em sua tese de doutorado, com argumentos arqueológicos, que os Guaraní moveram-se para o sul ao longo do Rio Madeira, até chegar à bacia do Paraguai, enquanto os Tupínambá ter-se-iam movido para o leste, alcançando a costa Atlântica do Brasil e seguindo-a até o sul.

O antropólogo Greg Urban discorda de Brochado e, levando em consideração minha distinção entre o tronco Tupí (renomeado por ele como “Macro-Tupí”) e a família Tupí-Guaraní, sugeriu que esta poderia ter começado sua dispersão entre o Madeira e o Xingu (Urban 1992:92) e que os ancestrais dos Tupínambá e dos Guaraní teriam passado do Rio Xingu para o sistema fluvial do Paraná (Urban 1996:79,94).

Em sua contribuição à classificação interna da família Tupí-Guaraní, utilizando diversos traços fonológicos e morfológicos, o linguista alemão Wolf Dietrich distingue dois grupos principais, Amazônico e Meridional (Dietrich 1990:111), consistindo o último nas línguas dos sub-ramos I, II e III de Rodrigues (1985a), em vista do fato de que estas compartilham mais elementos entre si do que com as do grupo amazônico.

## Migrações Tupí-Guaraní

Meu propósito principal nesse artigo é mostrar que a presença de línguas Tupí na Bolívia ao sul do Rio Guaporé, como o Pauserna, o Guarayo e o Sirionó, não se deve a uma breve migração de Rondônia através daquele rio, mas que lá chegaram após uma longa migração ao longo do Juruena e/ou do Arinos em direção à bacia Paraguai e, de lá, de volta à bacia amazônica, mas em outra rota para o noroeste, provavelmente ao longo do Rio São Miguel, um afluente do Guaporé.

<sup>2</sup> N.T: “the home of the Proto-Tupí-Guaraní speech community on the south bank of the Amazon slightly down-stream from the mouth of the Río Madeira” (Lathrap 1970:78)

Entre os nove outros ramos do tronco Tupí, é com o Awetí e o Mawé que o Tupí-Guaraní compartilha mais traços comuns, tanto lexicais quanto gramaticais, sendo por isso provável que eles tenham sido, durante algum tempo no passado, apenas um ramo, um Proto-Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní (Rodrigues e Dietrich 1997:263, 300). O povo Mawé vive desde pelo menos o final do século XVII a oeste do baixo Rio Tapajós (Nimuedaju 1948), e os Awetí vivem no alto Xingu pelo menos desde o seu descobrimento pela expedição de von den Steinen, no fim do século XIX.

Suponhamos que os falantes do Proto-Mawé-Awetí-Tupí-Guaraní tenham-se movido para o leste, até o alto Juruena. De lá, os Mawé teriam migrado para o norte até o baixo Tapajós e, algum tempo depois, os Awetí ter-se-iam deslocado para o leste, através do Arinos e do Teles Pires, para o alto Xingu. Depois dessa migração, os falantes do Proto-Tupí-Guaraní começaram a dividir-se e a separar-se. Enquanto a maioria dos ramos do Tupí-Guaraní estendeu-se para o leste na Amazônia, os ancestrais dos ramos III, II e I teriam, sucessivamente, migrado para o sul, possivelmente ao longo do Rio Arinos, alcançando o alto da bacia do Rio Paraguai. III e II teriam deixado a bacia amazônica antes de I, como evidenciado pelo fato de que ambos retiveram reflexos alveolares do Proto-Tupí-Guaraní *\*ts*, um proto-fonema que mudou para *h* em I e em todos os outros ramos, os amazônicos (PTG *\*otsó* ‘ele/eles foram’ > Tupínambá III *osó*, Guarayo II *ótso*, Sirionó II *óso*, mas Guaraní Antigo I *ohó*, Mbyá I *oó*, Chiriguano I *óho*, *óo*, Tembé IV *ohó*, Asuriní do Xingu V *ahá*, Parintintín VI *ohó*, Kamayurá VII *ohó*, Ka’apór VIII *ohó*); semelhantemente, III e II retiveram o grupo *\*pj*, que mudou para *tš* em I e para *tš*, *ts* ou *s* em todos os outros ramos, com a única exceção de VI, em que foi conservado (PTG *\*atsepják* ‘eu o vi’ > Tupínambá III *asepják*, Guarayo II *atsépja*, mas Guaraní Antigo I *ahetšág*, Mbyá I *aetšá*, Asuriní do Trocará IV *aétšan*, Kamayurá VII *aetsák*); III e II possuem em comum a metátese das duas primeiras sílabas do verbo ‘temer’ (PTG *\*kytsyjé* > Tupínambá III *sykyjé*, Guarayo II *tsykyje*, Sirionó II *sikitše*, mas, sem metátese, Guaraní Antigo I *kyhyjé*, Tapirapé IV *kytšé*, Kayabí V *kyjé*, Parintintín VI *kyhydži*, Kamayurá VII *kyjé*, Ka’apór VIII *kyjé*). II, no entanto, deve ter mantido ou retomado contato com I, visto que compartilha com ele fenômenos que o distinguem de III, como a mudança de *\*p<sup>w</sup>* para *k<sup>w</sup>* (PTG *\*ap<sup>w</sup>eráb* ‘eu me recuperei’ > Guarayo II *ak<sup>w</sup>éra*, Sirionó II *akéra*, Guaraní Antigo I *ak<sup>w</sup>erá*, Mbyá I *ak<sup>w</sup>erá*, mas Tupínambá III *ap<sup>w</sup>eráb*); o nome para o bugio, *Alouatta sp.* (Guarayo II *karája*, Guaraní Antigo *karajá*, Mbyá *karadžá*, mas Tupínambá III (dialeto oriental) *akyký*, (dialeto Maranhão) *warib*, Língua Geral Amazônica III *waríwa*, Asuriní do Trocará IV *akyký*, Kayabí V *akyký*, Parintintín VI *akyký*, Kamayurá VII *akyký*, Wayampí VIII *akýky*). Essa dupla afinidade de II já havia sido observada no século XVII pelos missionários jesuítas, como pode ser visto na seguinte observação feita pelo padre Diego Ferrer, em 1633, sobre os Itatins, que eram os ancestrais dos atuais Guarayo:

“... todos estos Itatines son de buen natural, y no difieren de los demas guaranis, sino que tienen mas trato y policia de quantos Guaranis avemos visto hasta agora, y tambien en la lengua tienen alguna diferencia de los demas Guaranis aunque poca acercándose algo al lenguaje Tupí, de suerte que algunos dicen que no son verdaderos Guaranis ni Tupís tampoco, sino que es una nacion entremedia entre los Guaranis y Tupís que llaman Temiminos.” (Ânuo do Padre Diogo Ferrer para o Provincial sobre a geografia e etnografia dos indígenas do Itatim, 21-VIII-1633, *apud* Cortesão 1952, p. 30).

Em vista desses fatos, os falantes de III e II em sua migração para e ao longo da bacia Paraguai devem ter precedido os falantes de I, mas, em um dado momento, III deve ter deixado II para trás e mudado seu curso para o leste, subindo alguns dos tributários do Paraguai, como o Taquari, e passando dele para um dos tributários do Rio Paraná, como o Sucuriú. Nesse caminho, III deve ter-se dividido em, pelo menos, dois grupos, o mais avançado deles tendo tomado um dos tributários da margem esquerda do Paraná, provavelmente o Tietê, e subido até o seu curso superior atrás da Serra do Mar, passando de lá para o alto do Rio Paraíba do Sul, que corre para o Oceano Atlântico. Algumas porções desse primeiro grupo devem ter chegado à costa próxima à baía de Angra dos Reis, e foram estes os ancestrais dos Tupínambá do Rio de Janeiro, enquanto uma ou mais porções seguiram o Paraíba do Sul até a sua foz, no litoral norte do Rio de Janeiro, tendo-se tornado os outros subgrupos do Tupínambá (Tupínaki<sup>1</sup>, Kaeté, Pitiguara, ...), que se estenderam para o norte ao longo da costa até o nordeste do Brasil. O outro grupo proveniente do Rio Paraná teria seguido o mesmo caminho ao longo do Rio Tietê, mas, em vez de passar ao Paraíba do Sul, teria passado a Serra do Mar e chegado à costa na área de São Vicente e Santos, e foram esses os ancestrais dos Tupí, cuja língua é dialetalmente aparentada ao Tupínambá, mas difere ligeiramente dele em alguns traços compartilhados com o Guaraní.

## Migrações dos Guarayo

Diferentemente dos dois grupos de III, os falantes de II teriam ido mais além pelo Rio Paraguai, até aproximadamente a latitude de 20° sul, e tomado rumo a nordeste, possivelmente tomando o Rio São Miguel que flui para o Guaporé, entrando depois novamente na bacia fluvial amazônica. Mas uma parte deles teria seguido o rio Paraguai abaixo, um pouco mais para o sul, até as fozes dos rios Apa e Aquidabã. Esses, assim como os que seguiram o rio São Miguel, foram descobertos pelos europeus nos séculos XVI e XVII, sob o nome de Itatins. Deles se originam os atuais Guarayo e Pauserna, e de sua língua ter-se-iam derivado as línguas dos Sirionó, Horá (Jorá) e Yúki. É possível que tenha havido outra divisão dos Itatins ou Guarayo, com um grupo deles tendo tomado

o mesmo caminho para o leste, como os Tupínambá e os Tupí. Isso é o que pode ser inferido da seguinte informação escrita pelo padre Fernão Cardim, relatando sobre os povos indígenas da província brasileira Espírito Santo, em 1584: ele menciona a presença, naquela província, dos Guaracayo ou Itati como adversários dos Tupínaquim, e acrescenta: “Outra nação habita o Espírito Santo, a qual é chamada Tegmegminó (na edição inglesa de 1625: Timimino): eles eram inimigos dos Tupínaquins, mas agora são poucos”. (Cardim, 1978:122)<sup>3</sup>. Esse nome Timiminó é o mesmo mencionado por Diego Ferrer em conexão com os Itatins. Outra indicação da presença de divisões dos Guarayo no nordeste do Brasil é o nome Serra dos Itatins aplicado a uma pequena cadeia de montanhas no sudeste do Estado de São Paulo, perto da costa do Atlântico.

## Guaraní

A migração do ramo I seguiu o ramo II, mas foi mais longe ao sul, ao longo do Rio Paraguai, e seus membros progressivamente ocuparam o vale do médio e baixo Rio Paraná, assim como de alguns de seus principais tributários, como o Paranapanema, o Iguazú e o Uruguai. Ao longo desses rios, eles chegaram às porções sul da Serra do Mar e encontraram caminho para a costa Atlântica do Paraná e Santa Catarina, onde, no século XVI, ficaram conhecidos pelos europeus sob o nome de Cariós ou Carijós, enquanto os grupos que viviam na bacia La Plata eram conhecidos pelos espanhóis como Guaraní. Ao longo da costa, os Carijós estenderam-se para o norte até Cananeia, que foi o limite sul dos Tupí do ramo III.

## Conclusão

Embora sejam encontradas algumas línguas da família Tupí-Guaraní no norte do Rio Guaporé em Rondônia, como Uruewawáu, Karipúna e Amondáwa, todas pertencentes ao ramo VI da família (assim como outras em tributários do Rio Madeira no sul do estado brasileiro do Amazonas, como o Parintintín, Tenharín e Júma), as línguas Tupí-Guaraní faladas ao sul do Guaporé na Bolívia amazônica não se relacionam imediatamente a essas. Antes, são o resultado de uma antiga separação de seus falantes, uma longa migração que tirou seus ancestrais da Amazônia rumo à bacia La Plata, com divisões que provavelmente alcançaram a costa atlântica brasileira, e os trouxeram de volta à bacia amazônica, linguisticamente caracterizada como o ramo II da família, mais aparentada ao Tupí e Tupínambá da costa brasileira (ramo III) e ao Guaraní mais meridional (ramo I).

<sup>3</sup> N.T: “Another nation inhabits Espírito Santo, which is named Tegmegminó (in the English edition of 1625: Timimino): they were enemies of the Tupinaquins, but now they are few.” (Cardim, 1978:122)

## Referências

- Brochado, J. P. *An ecological model of the spread of pottery and agriculture into eastern South America*, Ph. D. dissertation, University of Illinois at Urbana–Champaign, 1980.
- Cardim, F. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 3ª. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.
- Cortesão, J. *Jesuítas e bandeirantes no Itatim (1596–1760)*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1952.
- Dietrich, W. *More evidence for an internal classification of Tupi-Guarani languages*. Indiana Beiheft 12. Berlin: Gebr. Mann Verlag, 1990.
- Kaufman, T. The native languages of South America. In: R. E. Asher & C. Moseley, eds., *Atlas of the World's Languages*, pp. 46–76. London: Routledge, 1994.
- Lathrap, D. W. *The upper Amazon*. Southampton: Thames and Hudson, 1970.
- Loukotka, Č. Línguas indígenas do Brasil. Separata da *Revista do Arquivo*, n° LIV. São Paulo: Departamento de Cultura, 1939.
- \_\_\_\_\_. Klassifikation der südamerikanischen Sprachen. *Zeitschrift für Ethnologie*, 74. Jahrgang: 1–69, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Les langues de la famille Tupi-guarani*. Boletim CIV, Etnografia e Língua Tupi-Guarani, n° 16. São Paulo: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1950.
- \_\_\_\_\_. *Classification of South American Indian Languages*. Los Angeles: University of California, Latin American Center, 1968.
- Martius, C. Fr. Ph. von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerikas, zumal Brasiliens*. Vol. 2: Zur Sprachenkunde. Leipzig, 1867.
- Métraux, A. *La civilisation matérielle des tribus Tupi-guarani*. Copenhagen: Munskgaard, 1928.
- Nimuendajú, C. The Maué und Arapium. In: J. H. Steward, ed., *Handbook of South American Indians*. Vol. 3, pp. 245–254. Washington, D. C.: Government Printing Office, 1948.
- \_\_\_\_\_. [1945]. *Mapa etno-histórico do Brasil e regiões adjacentes*. Rio de Janeiro: IBGE, 1987.
- Rivet, P. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: A. Meillet e M. Cohen, eds., *Les langues du Monde*. Paris: Champion, 1924.
- Rivet, P., & Č. Loukotka. Langues de l'Amérique du Sud et des Antilles. In: A. Meillet e M. Cohen, eds., *Les langues du Monde*. 2<sup>nd</sup> edition. Paris: CNRS, 1952.
- Rodrigues, A. D. As línguas “impuras” da família Tupi-guarani. In: H. Baldus, ed., *Anais do XXXI Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo, 1955.
- \_\_\_\_\_. Die Klassifikation des Tupi-Sprachstammes. In: J. Yde, ed., *Proceedings of the 32<sup>nd</sup> International Congress of Americanists*, pp. 679–684. Copenhagen: Munskgaard, 1958a.



- \_\_\_\_\_. Classification of Tupí-Guarani. *International Journal of American Linguistics* 24:231–234, 1958b.
- \_\_\_\_\_. Grupos lingüísticos da Amazônia. In: H. Lent, ed., *Atas do Simpósio sobre a Biota Amazônica*, vol. 2, pp. 29–39. Rio de Janeiro, 1967.
- \_\_\_\_\_. Linguistic groups of Amazonia. In: P. Lyon, ed., *Native South Americans: ethnology of the least known continent*. Boston: Little, Brown and Company, 1974.
- \_\_\_\_\_. Relações internas na família Tupí-Guaraní. *Revista de Antropologia* 27/28:33–53, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.
- \_\_\_\_\_. Tupí. In: R. W. M. Dixon & A. Y. Aikhenvald, orgs., *The Amazonian languages*. Cambridge: CUP, 1999.
- \_\_\_\_\_ & W. Dietrich. On the linguistic relationship between Mawé and Tupí-Guarani. *Diachronica* XIV:265–304, 1997.
- \_\_\_\_\_. Hipótese sobre as migrações dos três subconjuntos meridionais da família Tupí-Guaraní. *II Congresso Nacional da ABRALIN e XIV Instituto Lingüístico*. CD-ROM, pp. 1596–1605. Florianópolis: ABRALIN, 2000.
- Schmidt, W. *Die Sprachfamilien und Sprachenkreise der Erde*. Heidelberg: C. Winter, 1926.
- Urban, G. A história da cultura brasileira segundo as línguas nativas. In: M. C. Cunha, ed., *História dos índios no Brasil*, pp. 87–102. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/FAPESP, 1992.
- \_\_\_\_\_. On the geographical origins and dispersion of Tupían languages. *Revista de Antropologia* 39.2:61–104, 1996.

### **Quadro 1: O tronco linguístico Tupí**

Família Arikém

†Arikém

Karitiána

Família Awetí

Awetí

Família Jurúna

Jurúna

†Manitsawá

Xipáya

Família Mawé

Mawé

Família Mondé

Aruá

Cinta-larga

Gavião (Ikõrõ)

Paitér (Suruí)

Salamã

Zoró

Família Mundurukú

Kuruáya

Mundurukú

Família Puruborá

Puruborá

Família Ramaráma

Káro (Arara, Urukú)

†Ntogapíd (Itogapúk)

†Urumí

Família Tuparí

Akuntsú

†Kepkiriwát

Makuráp

Mekéns (Sakirabiát)

Tuparí

Wayoró (Ajurú)

Família Tupí-Guaraní

Veja quadro 2.

Quadro 2: A família Tupí-Guaraní

Ramo I

† Guaraní Antigo

Kaiwá (Kayová, Pã

Ñandéva (Chiripá)  
Mbyá  
Guaraní Paraguaio  
Xetá (Šetá, Héta)  
Chiriguano (Áva)  
Izoceño (Izozó, Chané)  
Tapieté  
Guayakí (Aché)  
Ramo II  
Guarayo (Guarayú, Guaraní boliviano)  
†Pauserna  
Sirionó  
Yúki  
Ramo III  
†Tupí  
† Língua Geral Paulista (Tupí Austral)  
†Tupínambá  
Língua Geral Amazônica (Nheengatú)  
Ramo IV  
Asuriní do Tocantins  
Parakanã  
Suruí (Mujetíre)  
Avá-Canoeiro  
Tapirapé  
†Turiwára  
Tenetehára [ficou faltando]  
Ramo V  
Araweté  
Cairarí Anambé  
Asuriní do Xingu  
†Amanayé (Amanajé)  
†Ararandewára

Ramo VI

†Apiaká

Kayabí

Tupí-Kawahíb

Parintintín (Kagwahíb)

Amondáwa

Karipúna

Uruewawáu

†Tupí do Machado

†Pawaté

†Wiraféra

e outras

Júma

Ramo VII

Kamayurá

Ramo VIII

Wayampí (Oyampi)

Wayampípukú

Emérillon

Zo'é (Zoé, Jo'é, Puturú)

Ka'apór (Urubú-Ka'apór)

Guajá

Awré-e-Awrá

†Anambé de Ehrenreich

†Takonhapé